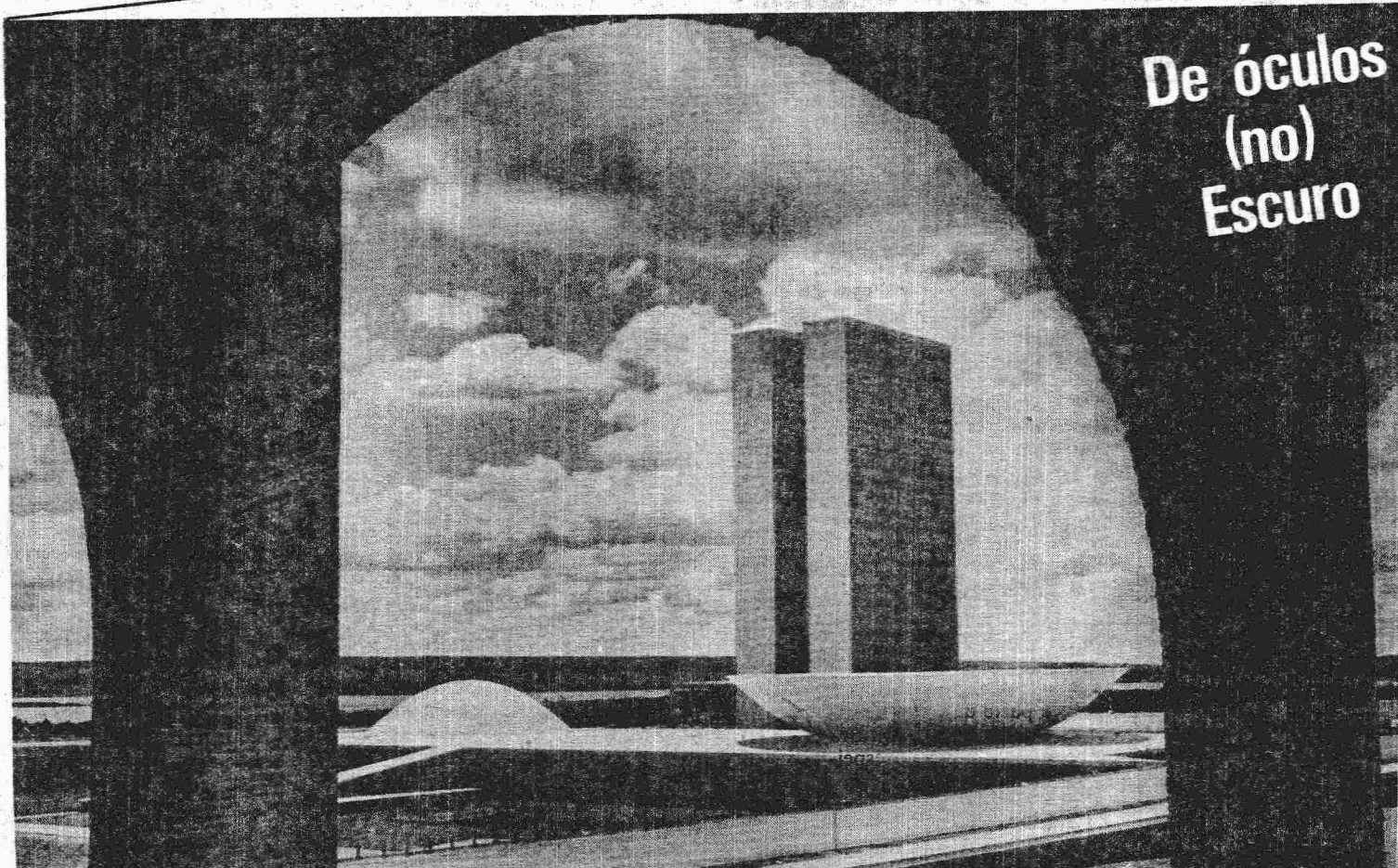


A cidade é moderna, dizia o cego a seu filho... (M. Nascimento-Brandt)

De óculos
(no)
Escuro

Há uma nefasta rede mitológica a envolver Brasília, quando se busca falar dela, obscurecendo com falsas questões (muitas vezes pateticamente sinceras) o desvendamento de suas múltiplas fal(cetas). Há algum tempo foi moda falar-se em vazio cultural, quando muita coisa já estava acontecendo. Agora pergunta-se (e todos se põem em seu encalço) pela cultura candanga. De que se trata?

Dois mitos: duas narrativas, difundidas como verdade e como indagação - ambas encobrindo um conteúdo e um contexto dramáticos. De fato, a epidemia do vazio cultural (de cujas origens ideológicas se abdicou investigar) ocupou um tempo e um espaço preciosos para as discussões da miséria real (e não só cultural) dos criadores daqui: a crise de produção de novas linguagens, os entraves à sua irrupção. A Fundação Cultural, estrategista do vácuo, capitalizou o massacre, cortou os cordões, venceu (?) outra batalha. Mas a guerra, continua rondando pela cidade (subterrânea, disseminada, nos pulmões) enquanto houver aqui criadores e fundações.

Em busca da cultura candanga (outra mitologia reveladora de carências histórico-ontológicas gritantes) espreitam-nos igualmente falsas questões: não há situações de "vazio" na dinâmica social, da mesma forma que não há sociedade sem cultura. Houve (e seus resíduos atravessam

malignamente o futuro presente) um esvaziamento da questão social em bruto, a ausência suicida de familiaridade cultural para entender a sociedade. Questões cruciais, obviedades numa cidade tida como "estranha" para se habitar que deveria ser ponto predileto para pensar. Não. Vive-se bem. Muito. Estranhando para adaptar-se. Pensa-se pouco, quase nada. E quando! E não se trata de atribuir culpas aos quatro cantos, mas de desbancar o sistema corrente de desculpas, forjador de convívios, obstáculo à disputa crítica, à discussão cultural, à criação enquanto processo multiplamente radical. Ninguém tem culpa de nada, tudo se transformou, estamos todos escondidos.

Plantadas zelosamente à direita, guardiãs do passado, essas mitologias (e as origens de sua lógica) precisam ser desconstruídas para que a cidade (e sua estrutura, fissura, contingências culturais) apresente-se a nós - seus escafandristas - tal qual a vasculhamos: anti-ilusionista, perigosa, diátria.

Senhoras e senhores, há enganos temerosos, trevosos. Por que pensá-la (essa cidade banalíssima) como ilha, objeto à parte, ave-rara? Por que pensar sobre o mito (naufrajando em suas falácias) e não este dilema real que o articula (a fome e a bala) e o atrapalha - erguendo este monumento em ruínas, entrecortando-o em valas, mansões, favelas? Nenhuma cidade pode ser assim tão sagrada. Sobre tudo se não a habita deuses. Ou as-

sombrações. Nem fadas.

Velho engano mortal é entender pensá-la (essa cidade secretíssima, mas normal) como um caldeirão de especificidades. Cabala, salto no fracasso, pantanal. A especificidade-mor é o não pensar histórico, genérico, total. E o excesso de bu(r)ocratas por superquadra. Resvalo essa escritura pelos flancos do óbvio, resfolego, possibilito o mergulho. Quero me afogar, locomover no fundo, a nível do fogo. Os olhos transversais, atentos. No fundo dessa cidade (e sua estratégica paisagem) jaz um teorema fundamental, um fracasso maior, um colapso monumental. Um golpe de espada. Atenção seresteiros, não dá mais pé pensar Brasília (essa cidade velha) como um conceito (seja utopia, projeto) mas como um concreto (suas mitologias, fal(cetas)). Aqui nascem e crescem a agonia e seus tropeços. Dispo a fantasia, mas não abro mão do avesso - instaurando a gritaria.

Que significados ocultam, que tarefas implicam a desconstrução do mito (sempre atento à direita), habitar a cidade tal e qual se apresenta, conhecer-lhe as ciladas? Em primeiríssimo plano atirar à lata de lixo o conceito de Brasília e encarar pensá-la como uma cidade, atravessada de contradições da mesma forma que qualquer cidade brasileira. Pensá-la para além das palmeiras do Plano Piloto. Observar seu processo histórico-cultural de sua (de)formação e a dialética com o contexto brasileiro, enquanto cen-

tro formal de decisões políticas. E não confundir cultura com produções artístico-intelectuais (feitas ou não por artistas e intelectuais).

Atenção navegadores, tagarelas, professores: Brasília não representou início de nada. Aqui foi o fim de tudo. Marco final de um processo, palco de um imenso espetáculo social de cujo cenário seriam expulsos seus atores, diretores, figurinistas e assistentes. Os produtores, controlando à distância o desenrolar do ato, alteraram secretamente o desfecho, reescrevendo a cidade por outra cartilha. O mito de Brasília não é a apologia e a defesa de sua utopia, mas o resto mortal de seu fracasso. A cidade fez-se mito não pela amplitude de sua concepção mas pela dimensão de seu fracasso. Se a utopia desaconteceu, se a cidade desarrumou-se, a quem serve a mitologia por sua glória de escombros? Por que cultuar altares que não construímos, deuses que não elegemos? Recomeçar, des-construir, révisar. Arquitetar com letras outras estes mo(nu)mentos. Senhoras e senhores, chega de alegorias, teoremas postícios, os olhos cheios de terra.

Ah, a cultura candanga? Passa bem, passa mal? Essa mitologia é mais arriscada se apresenta como necessidade de renovação. Num momento em que a crise é a verdade do país, toda particularização corre perigo de perder de vista o todo. Aqui também torna-se urgente demolições ferozes. O que é isso, "candanga"? Não passa de uma noção ideológica, forjada

no passado, para alimentar multidões arrebanhadas de um contexto de miséria (mas em rebelião) para uma paisagem de absoluta carência (e de repressão dourada com doses maciças de entusiasmo. Não serve para instrumento de analisar nada, a não ser a própria mitologia que a fabricou. Cultura candanga existe à margem do Plano Piloto, como cultura da pobreza, mas interessa aos horizontes ideológicos da classe média do Plano Piloto (uma das mais privilegiadas e conformistas do mundo?) Não há como ocultar os riscos (e a inversão radical) que significa pensar Brasília com os olhos das cidades-satélites - sua face oculta.

Arte "candanga" significa o que? Produzida por pessoas que moram aqui, que nasceram aqui, que buscam dar expressão às múltiplas fal(cetas) da cidade? Qual a sua ligação com o processo histórico-cultural brasileiro? O mito de ser Brasília um recomeço, vige soberanamente (à direita) nessa área. Aqui não foi síntese de coisíssima nenhuma, mas palco de um fracasso triplo: o nacionalismo, com seus dois es-cudeiros e o desenvolvimento e o populismo. A arte candanga passa mal (os problemas da produção e do consumo), passa bem (os dilemas da inquietação, do aprofundamento, da busca de linguagens). As estruturas da social (e da cidade) estão aí, trituras. Os criadores dentro delas, agonizantes. É decifrar (se) ou ser devorado. A arte não deve resguardar-se assim tão de muletas. Quem pensa que conhece a cidade, abra bem o olho.

ECLISON TITO